

Só falta investir no povo

Villas-Bôas Corrêa

O presidente José Sarney não conseguiu fechar um acordo com os políticos. Fez tudo, desde discurso caprichado, no melhor estilo acadêmico, até suportar a provação das desconversas com o dr Ulysses e que esvaziaram suas intenções e bons propósitos, murchando planos de reforma ampla do ministério e emagrecimento da obesidade burocrática. Pagou um alto preço para receber em troca coisa nenhuma. O apoio do PMDB é menor do que antes, com o alargamento das áreas de cobrança e ressentimento e sem que se identifiquem os novos cruzados da defesa dos cinco anos de mandato parlamentarista.



Na Constituinte, então, o quadro é de horror. Quando se aproxima o esgotamento das prerrogações denunciadoras dos erros do calendário do regimento interno da demagogia do PMDB, a perspectiva dos debates decisivos e das votações definitivas do plenário é de 559 parlamentares desatinados na excitação do mais anárquico individualismo. Salvo alguns grupelhos que vão sendo engolidos pela indisciplina crescente, ninguém se considera obrigado a compromissos de campanha, a programas partidários ou ao dever de obediência a lideranças que se desmoralizaram no desgaste do caos. Se na Comissão de Sistematização sempre é possível a articulação de entendimentos circunstanciais, ao sabor dos interesses prevalentes no momento, o plenário prenuncia um estouro de levantar poeira. Além de todos os fatores conhecidos, o plenário vem acumulando frustrações represadas pela marginalização de 4/5 dos constituintes. Em torno de um quinto participou de fato da montagem do anteprojeto que cairá sobre um plenário em ebulição, contando nos dedos os minutos que faltam para desforra de lavar a alma.

O presidente Sarney não abriu o mais estreito canal novo de comunicação com a Constituinte. E, pelo visto, entupiu vias que estavam dando precária passagem.

A lição certamente há de estar amargando a boca do presidente, deixando o gosto da bebida que azedou, do bolo solado, do arroz-de-cuxá feito por mãos inábeis e que não conhecem os segredos da dosagem da vinagreira, do camarão seco, das ervas e molhos da fabulosa cozinha maranhense.

Quer dizer: o PMDB continua a mesma mixórdia e com o dr Ulysses a posar de vitorioso, a dissimular no rosto de esfinge a efervescente alegria interior pela peça pregada ao presidente, forçando-o a recuar, a encolher projetos, a prometer mundos e fundos e resignar-se com tão pouco.

No PFL, então, foi uma calamidade. A legenda do dr

Aureliano bateu de frente com o gesto de inesperada ousadia da renúncia do ministro Jorge Bornhausen e mostrou que não sabe lidar com o artigo. O partido é mais de nomeações do que de demissões. Porque daí para cá, o PFL endoidou, saiu do sério, anda numa alucinação de novato em cheirar pó. Não se entende, não diz coisa com coisa. Virou um PMDB nanico e sem o dr Ulysses para os remendos que disfarçam fraturas e mantêm a ficção da unidade. Agora, por exemplo, pelas estimativas dos entendidos, 65% dos diretórios estaduais, isto é, das bases, são pelo rompimento com o governo e a imediata e assumida definição oposicionista. Não é fantástico? O PFL, vejam bem, o PFL, formado com as sobras dissidentes do PDS, sendo empurrado para a oposição. Só que não é tão fácil. No contrapeso, 60% da bancada (e no Senado a porcentagem é maior: dos 14 senadores, 10 são pela manutenção do apoio ao governo e só quatro desejam pular a cerca) entendem, com a mais solene empostação da justificativa patriótica, que as conveniências da transição exigem o sacrifício da continuidade do apoio ao governo, pelo menos até a promulgação da futura Constituição. Parece provável, está na linha da lógica e dos costumes, que o PFL se componha empinando uma das clássicas fórmulas farisaicas de acomodação. Como admitindo que eminentes correligionários continuem prestando a inestimável colaboração ao governo mas com a legenda de mãos livres para apoiar apenas os atos e medidas governamentais que não contrariem o até aqui desconhecido programa pefelista.

Se na política, nada feito, também não parece inflado de retumbante êxito o esforço do governo para um arreglo com os militares. O generoso cálculo das porcentagens de majoração das múltiplas parcelas que compõem o que o militar efetivamente recebe na caixa ao fim do mês, juntando o soldo magro com as gratificações estourando nas celulites das isenções do imposto de renda atendeu às reivindicações conduzidas através dos disciplinados canais da hierarquia. Mas, em Apucarana e na Esao, a urticária de rebeldias coça na pele do governo e deixa os empolados da irritação.

Falta conferir a resposta do funcionalismo civil aos anúncios de ontem do reajustamento de vencimentos e o esperado, adiado e, enfim, encaminhado ao Congresso plano de carreira, restabelecendo o sistema do mérito, as admissões por concurso e necessidade, as promoções sem pistolão.

O presidente está buscando as combinações nos muitos balcões do varejo. Não ousou a tacada maior, o lance do atacado de diálogo direto com o povo, da proposta de medidas que atendam à ânsia nacional por mudanças. Os planos assistenciais cobrem setores carentes. Mas não bastam. Falta o gesto que seja entendido como inaugural de um tempo novo, há tanto esperado e que chegou por 10 meses na ilusão do cruzado.

Se o resto falhou, é hora de investir no povo.